

# Pássaro e ovo: um ensaio-sonho

## Dedicado a Rubem Valentim

Yhuri Cruz

7 de janeiro de 2022

Yhuri Cruz (1991), nasceu no Rio de Janeiro (RJ), Brasil, onde vive e trabalha. É artista visual, escritor e dramaturgo.

*(...) criando os meus signos-símbolos procuro transformar em linguagem visual o mundo encantado, mágico, provavelmente místico que flui continuamente dentro de mim.*

(Rubem Valentim, em *Manifesto ainda que tardio*, 1976)



### Momento I

... se o real não é nada além da fruição de um ponto de vista em comum, eu diria que Rubem se interessou, realmente, pelo vôo.

Pois, apesar de muito já ter sido dito, não vejo por que não nos permitirmos nos colocar na extraordinária retina da ave – na sua animosidade em enxergar o espaço como rota de fuga e de encontro. Mas também em vibrar a estética do espaço. Nos giros e desvios da asa, imagino que a ave desenha durante o vôo, sem se preocupar exatamente com as rotas, mas sim com as linhas, como resposta ao plano abaixo dela. Como se voar fosse uma forma de pintar o plano. E se, talvez, isso não a faça verdadeiramente viva: responder ao planeta,

pertencendo a ele. Se for este o caso, a vida da ave seria expressar-se no próprio vôo, até tocar o plano em sua última queda.

E não posso afirmar que Rubem se interessava pelos pássaros, apesar de ter pintado a insígnia de Ossain tantas vezes e de tão diversas maneiras, mas há algo na forma que Rubem se expressou no espaço-tempo em que viveu que me faz olhar para as suas pinturas e imaginar que ele as viu todas de cima. Antes do mergulho do pincel na tinta e logo pousar na tela, era necessário flutuar até certa altura ideal para organizar tanta, mas tanta trama que havia no plano brasileiro.

O céu brasileiro é reflexo do chão brasileiro? Quero dizer, o desenho de um pássaro de nome Rubem que sobrevoa o céu da Bahia, do Rio de

Janeiro, de Londres e Roma, de Brasília e de São Paulo seria uma possível *trajetória gráfica* do chão dessas seis capitais? Em plena migração, alguns milhares de pássaros, forçados ou não pelas intempéries da raça católica, motivados ou não pela escassez gráfica do espírito das terras do colonizador, atravessaram os oceanos numa revoada que lança sobre o plano a sombra de um desenho complexo: a diáspora negra. Tanto o chão quanto o céu, desde então, já não eram os mesmos. E não havia como Rubem não voar no céu do tempo brasileiro em que nasceu.

Por vezes pensei que certas pinturas de Rubem lançaram pássaros velozes na clausura dos arquivos nacionais que jaziam silenciosos, aqueles cultivados como se enterrados num túmulo desenhado na forma da nossa política. E nos meus próprios vôos particulares sobre suas imagens, meditei sobre as “curvas e retas” que, para além da forma, argumentavam, fundamentalmente, vocábulos regionais, africanos, ameríndios, nordestinos, brasileiros, que tinham asas, e operavam fôlegos no ar pesado dos museus modernistas e velhos-contemporâneos. Vôos ágeis e furtivos em espaços confinados.

Já nos terreiros, acontecia o oposto. Nestes espaços eu narro a imagem mais nítida que ousei fabular sobre Rubem: aquela, de um pássaro de natureza e herança liberta e selvagem, que descende elegantemente de um céu em transição, entre a noite e o dia. Na medida em que a luz e a sombra vão se esparramando e ocupando e dançando sobre o chão varrido por nós; iluminando sobre as paredes pintadas de branco; sobre as pedras maiores e menores, sacralizadas ou não; sobre a árvore-Tempo e as demais árvores; sobre os cruzeiros e às homenagens as almas...

Na medida em que a luz e a sombra dançam sobre os mistérios, o pássaro liberto e selvagem adentra, discreto e distinto, o templo. Sobrevoa e observa os altares. Um vôo solene, circular e sem ruídos. Ele está em movimento e na altura certa de ser sintético com o sagrado, de refletir sobre linhas e curvas e cores que se tornam disformes pela fé humana, mas que sob seus

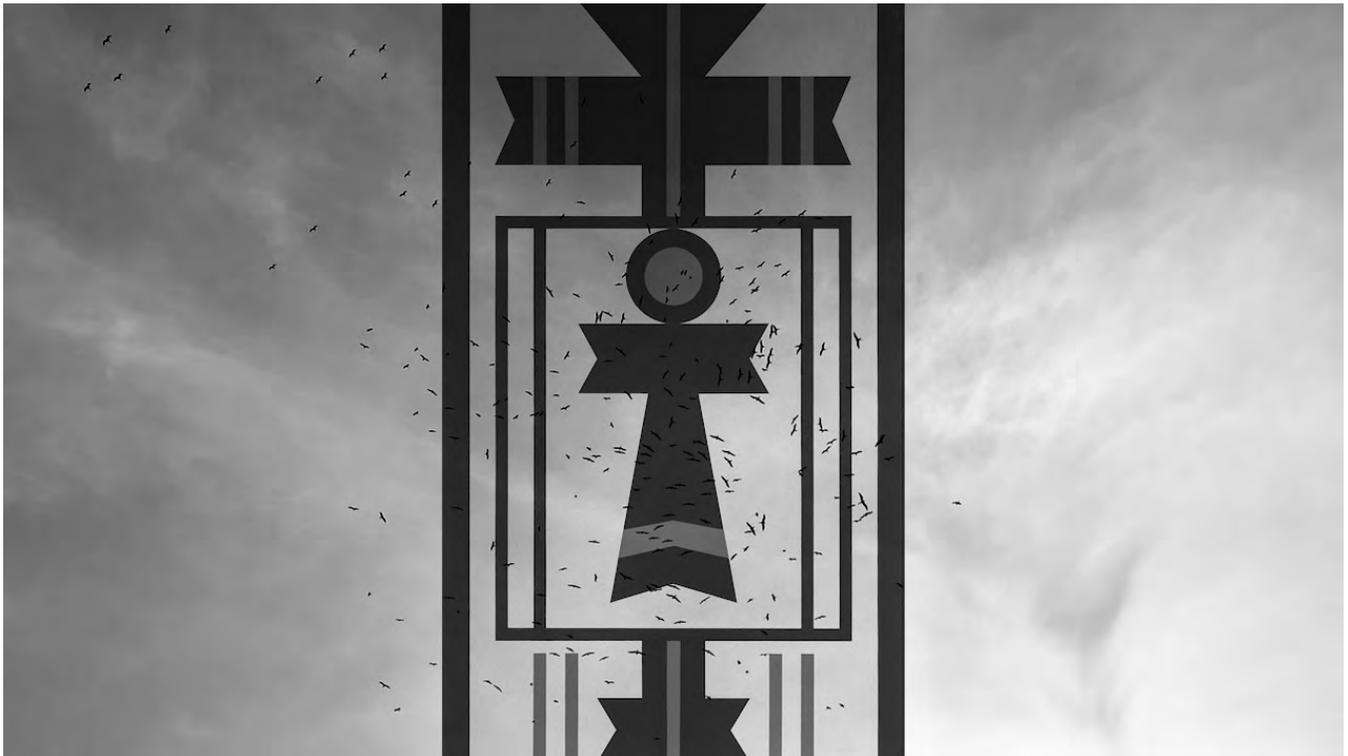
olhos, que se acostumaram com os grafismos terrestres, e sob suas asas que desenham as linhas de seu vôo, são apenas tramas do espírito, organizadas complexamente: contínuas composições emblemáticas. O altar se construía como um encanto planificado. Eu disse a ele, sem saber se ele escutaria:

- Rubem, eu consigo ver nas formas os altares.

Sobre o fundo rubro de uma, destacam-se os híbridos entre os Abebês de Oxum e lemanjá pintados em azul. Na sua base, há um retângulo mais grosso de cor dourada e azul; no topo, repousa o sagrado graal, o cálice que carrega o sol - uma das representações de Oxalá e Jesus Cristo -, em amarelo-ovo. Em outra, o plano de fundo é de um branco envelhecido; no centro superior, o tridente de Exu flutua em verde, sem encostar no oxê, machado de Xangô, vermelho, que serve de base para a composição; em ambas as laterais, duas flechas de Oxóssi são atiradas em ascensão, cercando a tela em simetria. E naquela outra composição, o pássaro se reconhece, pois havia outro como ele pousado no topo do Paxorô, cajado de Oxalá; era uma escultura completamente branca dessa vez e, construída como um totem, carregava a energia de Ogum e suas ferramentas abaixo, escalando para um círculo ameríndio, e logo para um semicírculo que julgo ser uma balança, e, no topo, uma flecha de Oxóssi voltada para o chão.

E, apesar de muito poder ser visto de Rubem, todo esse mistério estava e ainda está em cima da mesa de um altar: a balança, as ferramentas, as quartinhas, os santos, os velhos, as velas, os riscos, a água, as memórias, as presenças e seus signos-símbolos - como ele chama. E conforme a luz branca da alvorada tocava esse todo e as sombras davam tridimensionalidade às imagens, o pássaro selvagem que circulava acima sintetizava no desenho do seu vôo este corpo místico.

Apenas com linhas e cores, em um esforço construtivo de síntese - e de fôlego para um longo vôo - Rubem traçava um plano simbólico e universal, a trama emblemática de um altar afro-brasileiro, amefricano: um *templo gráfico*.



## Momento II

... um ruído abafado anunciava algum despertar.

Era noite e ele sonhava com uma luz-escura. Quer dizer, ele estava inserido num espaço tão iluminado de escuridão, mas tão incandescente de escuridão, que tudo ao seu redor era negro. Não havia sequer uma linha de cor. E apesar de seus olhos saberem que tudo estava negro, a luz-escura queimava sua retina; mesmo das linhas negras ele distinguia muito pouco.

Lá estava ele, quieto. Até confortável, se ele pudesse dizer. Sem anseios. No escuro-iluminado de olhos abertos, ele enxergava apenas um palmo de distância além de si mesmo. Um espaço de visão comprimido. Contudo, dentro desse palmo, rente à película dos seus olhos, ele conseguia vislumbrar um sereno de imagens escuras-iluminadas que caíam densas e muito lentas ao seu redor. Eram contornos que se construíam como desenhos e composições que descendiam do topo de sua cabeça, fluindo junto ao sereno escuro-iluminado. Memórias... assombros... cenas...?

Tudo era assim: havia dúvidas, mas não havia medo.

Sabia que estava adormecido e que sonhava. Por isso não relutava em continuar observando. Pelo contrário, cada contorno que conseguia decifrar com aqueles olhos jovens e queimados era mais um êxtase que sentia e que desejava que perdurasse. A linha que desenhava uma grande pedreira. O sereno que caía e revelava um cavalo. A textura de uma máscara circular. Uma criatura híbrida num palco de teatro.

Ficou diante desse sonho por um tempo. Difícil dizer o tempo do sonho – talvez o tempo de uma gestação? Focava-se, apenas, às imagens que desciam como penas.

De vez quando, escutava sons abafados se chocando contra algum tipo de parede que estava próxima a seu corpo. Não enxergava, mas sentia que por todos os lados estava cercado, rodeado. Contudo, não estava assustado. Pelo contrário, seus olhos estavam cegos pela intensa luz-escura. Seu corpo estava indefeso contra qualquer ataque. E, apesar disso, a despeito de sua vulnerabilidade, se sentia amparado e seguro.

Neste sonho, ele percebeu que encenava uma criatura jovem, talvez até ignorante, que descansava dentro de uma energia viva e memorial.

Até o momento em que ele sentiu aquilo. Um tremor que vinha por todos os cantos. Algo que, aparentemente, furou a parede e atravessou seu espaço seguro como um vento, chegando ao seu rosto na forma de um som. SHIIIU. Era um ruído familiar, quente e abafado. Ele se virou e não viu nada, a não ser um novo tipo de luz, que perfurava e repelia seus olhos cegos de luz-escura. Percebia também que, em seu rosto, no lugar onde bateu aquele som quente, restou um ardido em sua pele. Ficou desconfiado e afinou seus ouvidos.

Não demorou muito. Havia um tremor forte, agora, vindo de cima, e um novo orifício se abria na parede bem no topo de seu corpo. A nova luz ofuscava até mesmo as imagens que antes enxergava e às quais se apegava. Um outro intenso vento de som chegava, cruzando o orifício, queimando seu peito. SHIIIU. Seus ouvidos o perseguiram. Era o mesmo som de antes.

Eu?

Mas não havia ninguém que ele podia enxergar. Continuava só, dentro da luz-escura, que continuamente se tornava branda e menos intensa. Começava a enxergar algumas cores turvas. O sereno que carregava nos olhos também se dissipava, perdendo opacidade. E nada diante ou distante de seu corpo. Crescia, entretanto, um angustiante sufocamento em seu pulmão, como se respirasse pela primeira vez; o tremor continuava; a temperatura do sonho aumentava.

Novas frestas eram abertas ao seu redor e tudo parecia despencar lentamente. Como uma casca. O mesmo som se repetia e invadia o espaço escuro-luminoso do sonho onde, antes, ele se sentira protegido. Um vento intenso e tórrido envergava seu corpo. O ruído familiar se acumulava em seus ouvidos e ele sentia sua pele murchar de tanto suor. Isso o afetava; começava

a desejar que o sonho acabasse.

De muito perto, ou nem tão de perto assim – de cuja origem ele não conseguia dar conta naquele momento de sonho – ele sentia a ardência de ouvir por toda parte, atravessando a casca do sonho, vozes chamando o seu nome.

- Você... Você... Você...

- Eu?

- ... Você...

- O que esperam de mim...

A luz-escura se apagava por completo agora e restava apenas uma luz branca que inundava o ambiente. Sua pele era inflamada pelo som de seu próprio nome. A construção que até então o guardava e acolhia foi, finalmente, penetrada.

Ele viu a sombra de uma asa colossal. Como uma gigantesca e grossa nuvem que contradiz a gravidade, a cabeça de um pássaro selvagem com um longo e afiado bico rachava e rompia brutalmente o resto da casca do ovo em que ele estava tacanhamente inserido.

Ele encarou os olhos brilhantes e ferozes da sublime ave bem acima de si. E, refletido nos olhos daquela ave, atrás daquela cabeça, havia um céu descomunal. Era um céu vasto e ofuscante, pintado à luz de uma recente alvorada.

Diante do grande pássaro, ele teve a primeira sensação de estar com a cabeça povoada de uma nova e misteriosa estética.

E o animal, que já havia destruído toda casca ao seu redor, se aproximou dele, impiedoso e acanhado, com uma brutalidade carinhosa de um progenitor, e colocou seus olhos de ave diante do corpo dele. Ele se enxergava nitidamente agora: em lugar de sua pele negra e um corpo adulto, tinha uma pele frágil e uma barriga protuberante e flácida; no lugar de sua boca e seus olhos, havia um bico curto e cinzento e uns olhinhos cobertos por uma película colorida e pegajosa; suas mãos eram garras estreitas e ossudas que se moviam, trêmulas e desengonçadas; seus pelos eram um

conjunto miserável de penas finas espalhadas esparsamente pelo seu torço. No sonho, ele era o filhote de um pássaro selvagem.

No reflexo, acima de si e aos olhos convexos da ave, também havia o céu vasto da alvorada. Lá longe, ele podia observar, uma revoada de outros selvagens desenhavam com seus vôos. O grande pássaro encarou aquele ser jovem e pequeno por longas horas. Difícil dizer o tempo do sonho. Mas ele compreendeu: foi como se o pássaro liberto e selvagem lhe fizesse um pedido.

- Voe.



Rubem Valentim, *Emblema I*, 1989. Serigrafia em cores sobre papel 100,1 cm x 70,2 cm. Coleção Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP)

---

**Yhuri Cruz** (1991), nasceu no Rio de Janeiro (RJ), Brasil, onde vive e trabalha. É artista visual, escritor e dramaturgo. Desenvolve sua prática criativa a partir de ficções, proposições performativas – que o artista chama de cenas – e instalações. Em seu trabalho, trata de temas ligados à memória coletiva e individual, sistemas de poder, crítica institucional, relações de opressão, encenações de cura, resgates subjetivos e violências sociais reprimidas. Foi indicado ao Prêmio PIPA em 2019. No mesmo ano, realizou "Pretofagia", sua primeira exposição individual no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica - Rio de Janeiro/ RJ. Foi vencedor do IV Prêmio Reynaldo Roels Jr. com o projeto O Cavalo é Levante (Monumento à Oxalá e aos trabalhadorxs); participou da X Bienal Internacional de Arte Siart Bolívia - los orígenes de la noche (2018). Seus textos publicados de maior destaque são "Pretofagia: um ensaio-cena em 4 atos" (2019) e "Poesia Fugitiva" (2020).

---

Este texto faz parte do **Rotas Alternativas**, um projeto que coloca e destaca o trabalho de oito jovens artistas afro-latinos e indígenas e ressalta a historicidade das relações raciais e étnicas nos mundos da arte da América Latina. O projeto foi organizado e editado por Bruno Pinheiro, doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e Horacio Ramos, doutorando em História da Arte pelo The Graduate Center, City University of New York, e publicado em [www.coleccioncisneros.org](http://www.coleccioncisneros.org).